

OS AUTORES

William E. Biernatzki

PhD, editor de *Communication Research Trends*,
Revista do Centro de Comunicação e Cultura da
Universidade de Saint Louis

Norma Pecora

Escola de Telecomunicações
da Universidade de Ohio

STATUS DA PESQUISA SOBRE CRIANÇAS E TELEVISÃO¹

Balanco das pesquisas sobre crianças e televisão indica que a maior parte delas ainda tratam dos efeitos da mídia

Este ensaio é uma tentativa de analisar algumas das questões que estão em discussão atualmente, como, por exemplo, a violência que é transmitida pela televisão, como afeta as crianças e as formas através das quais essa influência da televisão pode ser alterada para melhor. No entanto, de forma alguma essa é uma revisão completa de toda a pesquisa e de todo o trabalho feito no campo sobre crianças e televisão. Por exemplo, uma revisão da pesquisa sobre crianças e a mídia nos Estados Unidos, em andamento,

gerou mais de 400 citações só em publicações norte-americanas, desde 1990. Contudo, esta será uma tentativa de apresentar ao leitor um pouco do trabalho atual que está sendo realizado neste campo.² Em conversas com estudiosos, participação em conferências e na vasculha de publicações especializadas, ficou evidente que pouco mudou nas perguntas que estão sendo debatidas. Como veremos, o que está mudando é como analisamos essas questões. A pesquisa tradicional de efeitos está começando a ser substituída

1. Tradução do original *Children and television*. *Communication Research Trends*. Centro de Comunicação e Cultura, Universidade de Saint Louis, v. 19 n. 1 e 2, 1999. (N. Ed.)

2. Infelizmente, a tentativa de ampliar a gama de informações para compor este trabalho foi bloqueada por deficiências de idioma. Contudo, os poucos trabalhos disponíveis advindos de países que não de língua inglesa, demonstraram a grande influência dos estudiosos norte-americanos e europeus. Muitos dos mesmos nomes se repetiam nas bibliografias disponíveis. Relacionar esta informação com os dados relatados no artigo: Citações epistemológicas no campo da educomunicação, de Solange Puntel Mostafa, publicado nesta edição. (N. Ed.)

por Estudos Culturais que consideram a complexa natureza da relação dos povos, inclusive das crianças, com a mídia.

PERIGOS DA MÍDIA

Historicamente, preocupações sobre o uso da mídia por parte de crianças derivaram da idéia de que a mídia [iniciando-se com inexpressivos romances violentos e baratos e indo até os computadores e videogames] tem um *efeito* maléfico nas crianças e que é nossa responsabilidade, como adultos, protegê-las dos perigos desses meios. Isso levou a uma preocupação com questões sociais como a violência, a modelagem de papéis e outras perguntas sobre o papel da televisão no comportamento. Com base nessa revisão da pesquisa sobre crianças e televisão, essas ainda são, em grande escala, as questões do dia. Contudo, como argumenta Gauntlett, está na hora de irmos além das preocupações com os simples efeitos e alcançarmos um entendimento das influências dos meios. Essa revisão apóia a afirmação do autor de que “a maior proporção dos estudos de *efeitos* tem sido feita com relação à agressão, especificamente, a hipótese de que assistir a atos de agressão ou violência na tela da televisão faz com que as pessoas (ou os jovens) ajam de formas semelhantes”³. Ele continua afirmando que essa questão ainda tem sido a de maior preocupação, em detrimento de temas como: “atitudes políticas, uso da língua, conhecimento dos acontecimentos atuais” e, acrescentaria,

modelagem dos papéis e diversidade cultural. Outros apóiam estes temas (consulte Jenkins, por exemplo)⁴, como o demonstra a revisão de pesquisa apresentada aqui. Ainda há trabalhos sendo realizados com relação a questões de gênero, linguagem corporal e escolha de carreiras, aquisição de linguagem e processamento cognitivo, mas, de forma preponderante, a principal preocupação parece concentrar-se em torno da violência na televisão.

ALFABETIZAÇÃO PARA OS MEIOS/EDUCAÇÃO PARA OS MEIOS

A segunda área que aparenta dominar o campo das pesquisas, à medida que tentamos encontrar maneiras de controlar a influência das mensagens da mídia, é a alfabetização para os meios/educação para os meios. Nesse caso, o debate se concentra nos méritos das diferentes maneiras de entender e explicar as informações. Colocado de forma simples, a primeira, a alfabetização para os meios, é definida como “a capacidade de um cidadão acessar, analisar e produzir informações para resultados específicos”⁵. Baseado em um modelo protecionista do entendimento dos meios – projetado para *proteger* as crianças dos males da mídia – os objetivos pedagógicos visam a dar aos estudantes a capacidade de analisar as mensagens.

A educação para os meios, por outro lado, reconhece que a alteração social é fundamental para o entendimento das re-

3. GAUNTLETT, D. **Video Critical**. (VÍdeo Crítica) Luton, UK: University of Luton Press. 1996.

4. JENKINS, H. *Empowering children in the digital age: Towards a radical media pedagogy*. (Capacitando crianças para a era digital: por uma pedagogia dos meios) **Radical Teacher**. v. 50, 1997. p. 30-35.

5. AUFDERHEIDE, P. *Report on the National Leadership Conference*. (Relatório da Conferência Nacional de Lideranças) Washington, DC: Aspen Institute. 1993.

apresentações da mídia. Frequentemente baseada na filosofia de Paulo Freire, que assume a "posição do questionamento", a educação para os meios é "uma análise da forma e do conteúdo da comunicação mediada ... [ela] representa algum potencial de equilibrar as desigualdades sociais e é uma forma frutífera de colocar os mecanismos da democracia em movimento"⁶.

Em nossa revisão, descobrimos que há várias dimensões para a discussão. Por exemplo, onde von Feilitzen traça a linha entre os países Ocidentais e não-Ocidentais⁷, outros vêem a distinção entre o consumidor e o cidadão, com a alfabetização para os meios, como um caminho na direção do treinamento de consumidores criteriosos, e a educação para os meios como um meio de desenvolver cidadãos críticos.

POLÍTICA E ESCOPO INTERNACIONAL

Essas duas áreas, a pesquisa da violência e a educação para os meios, são as áreas que receberão ênfase aqui. Além disso, há crescente atenção sendo dada às questões de política e estudos transnacionais, como

o representado pelo trabalho de Livingstone⁸ e Groebel⁹. Ambos têm consequências para o futuro da pesquisa sobre as crianças e a televisão. Há vários outros métodos de pesquisa que também devem ser reconhecidos, alguns dos quais serão discutidos mais adiante neste trabalho.

Mídia infantil: um grande negócio

Até recentemente, a pesquisa sobre a indústria da mídia infantil era incomum. Nos Estados Unidos, exceto pelos raros estudos que envolviam a produção da programação infantil, que se concentravam nas transmissões dos serviços públicos, como o *Children's television workshop*¹⁰ (*Workshop* de televisão para crianças) ou a análise feita por William Melody, em 1973, da indústria televisiva infantil, intitulada *Children's television: the economics of exploitation*¹¹ (TV para crianças: a economia da exploração), o foco tinha sido colocado nos efeitos da mídia ou no conteúdo da mídia.

A partir do trabalho de Ellen Seiter¹², tem havido um crescente interesse no clima social e político, o que permitiu a realização de novas escolhas. Isto é bem

6. TYNER, K. *Literacy in a digital world*. (Alfabetização no mundo digital) Mahwah, NJ: Laurence Erlbaum Associates. 1998.
7. VON FEILITZEN, Cecilia. Media education, children's participation and democracy. (Educação para os meios, participação das crianças na democracia). _____, CARLSSON, Ulla (eds.). *Children and media: image education participation – 1999 Yearbook of the UNESCO International Clearinghouse on Children and Violence on the Screen*. (Mídia e crianças: imagem, educação, participação – 1999 - Livro do ano da Unesco sobre criança e violência na TV.) Göteborg, Suécia: UNESCO/Nordicom/Göteborg University. 1999.

8. LIVINGSTONE, Sonia. *A comparative approach to young people's changing media environment in Europe*. (Uma abordagem comparativa das mudanças da mídia para jovens na Europa) _____, *Young people and the changing media environment in Europe* (Jovens e as mudanças na mídia na Europa). *European Journal of Communication*. (Special Issue) v. 13, n. 4, 1998, p. 435-456.

9. GROEBEL, Jo. *Young people's perception of violence on the screen* (Jovens e a percepção da violência na tela.) *A joint project of UNESCO, the World Organization of the Scout Movement and Utrecht University* (Projeto conjunto da Unesco, Organização Mundial do Movimento Escoteiro e a Universidade de Utrecht) – Relatório Resumido Apresentado à Conferência Geral da UNESCO: Paris, 1997.

10. HARRIS, Richard Jackson. *A cognitive psychology of mass communication* (A psicologia cognitiva dos meios de comunicação), 3. ed. Mahwah, NJ/London: Lawrence Erlbaum Associates. 1999.

11. MELODY, William. *Children's television: the economics of exploitation* (TV para crianças: a economia da exploração). New Haven: Yale University Press. 1973 (1977).

12. SEITER, E. *Sold separately: children and parents in consumer culture*. (Venda separadamente: o consumo cultural de pais e crianças) New Brunswick, NJ: Rutgers University Press. 1993.

exemplificado pelos trabalhos de Kunkel, Hendershot e Pecora¹³. Enquanto a pesquisa de Kunkel lida, de modo geral, com as decisões políticas que influenciam a programação e a publicidade, o livro de Hendershot, *Saturday morning censors* (Censura sábado de manhã), analisa o contexto cultural da televisão infantil. A pesquisa sob a crescente influência dos Estudos Culturais desafia a idéia de uma criança ingênua ou inocente. Com base no modelo de Melody sobre as relações econômicas entre a indústria televisiva e a indústria publicitária, meu livro, *The business of children's entertainment*¹⁴ (O negócio de entretenimento para crianças), considera a evolução da audiência infantil e as crescentes complexidades relacionadas ao mercado econômico e ao lazer infantil.

Em 1997, durante um simpósio sobre a televisão infantil, David Buckingham e Hanna Davies lidaram com o mutante mercado na Grã-Bretanha e, como Hendershot, contradisseram a antiga crença de que as crianças são uma audiência ingênua. Este tema é ampliado em seu livro *Children's television in Britain: history, discourse, and policy*¹⁵ (TV para crianças na Grã-Bretanha: história, discurso e política).

O trabalho de Wendy Keys no Australian Key Center for Cultural and Media Policy, Griffith University (Centro para cultura e políticas da mídia) reúne o processo de políticas e a prática de produção sobre a programação infantil australiana.

À medida que o mundo do entretenimento infantil se torna cada vez mais global, essas questões devem ser, e estão sendo, consideradas nessa escala. O trabalho de Keys, que inclui o estudo das co-produções internacionais da indústria televisiva australiana, é um exemplo disso. Outro exemplo é o trabalho de Ruth Zanker, da New Zealand Broadcasting School (Escola de radiodifusão da Nova Zelândia) sobre a *globalização e a co-modificação da mídia e da propaganda e seu impacto no alcance local e na variedade de programas para crianças na Nova Zelândia*. Pesquisas como essas são essenciais à medida que se intensifica a interação global.

Por fim, o Annenberg Public Policy Center (Centro Annenberg de Políticas Públicas), da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, gerou diversos relatórios sobre a indústria televisiva norte-americana, particularmente em resposta à recente desregulamentação¹⁶.

13. PECORA, Norma. **The business of children's entertainment**. (O negócio do entretenimento para crianças) New York: Guilford Press, 1998.

14. PECORA, Norma. **The business...** *op. cit.*

15. BUCKINGHAM, David, DAVIES, Hannah. **Children's television in Britain: history, discourse and policy**. (TV para crianças na Grã-Bretanha: história, discurso e política) London: British Film Institute, 1999.

16. Annenberg Public Policy Center da Universidade de Pensilvânia (Centro Annenberg de Políticas Públicas da Universidade da Pensilvânia). *The 1998 State of Children's television report: Programming for children over broadcast and cable television television* (1998 - Relatório sobre a situação da criança na TV: Programando a TV a cabo para crianças). [On-line] url: appcpenn.org.pub.htm, 1998.

Annenberg Public Policy Center da Universidade de Pensilvânia (Centro Annenberg de Políticas Públicas da Universidade da Pensilvânia). *The 1999 State of Children's television report: Programming for children over broadcast and cable television* (1999 - Relatório sobre a situação da criança na TV: Programando a TV a cabo para crianças). [On-line] url: appcpenn.org.pub.htm, 1999.

Annenberg Public Policy Center da Universidade de Pensilvânia (Centro Annenberg de Políticas Públicas da Universidade da Pensilvânia). **The Three-Hour Rule: Insiders' Reactions**. (Controle das três horas: incidência de reações) [On-line] url: appcpenn.org.pub.htm, 1999.

Annenberg Public Policy Center da Universidade de Pensilvânia (Centro Annenberg de Políticas Públicas da Universidade da Pensilvânia). **The Three-Hour Rule: Is It living up to expectations**. (Controle das três horas: ... *op. cit.*) [On-line] url: appcpenn.org.pub.htm, 1999.

UMA VISÃO GLOBAL

A natureza global da televisão infantil deve continuar a ser considerada no futuro, em termos da economia da indústria, dos estudos comparativos da disponibilidade tecnológica e do uso da mídia, além de mostrar os estudos com relação às implicações das mensagens nas representações não-locais. Um recente estudo transnacional, realizado pelo Grupo de Pesquisas da Mídia, da Escola Londrina de Ciências Políticas e Econômicas, chamado *Children, young people and the changing media environment* (Crianças, jovens e a mudança no ambiente da mídia), modelado de acordo com o trabalho inicial de Himmelweit, Oppenheim e Vince, e de Schramm, Lyle e Parker¹⁷, utiliza diversos métodos para “capturar a idéia do contexto, e incluir as idéias da ecologia social, do ambiente social e do campo”¹⁸, em uma tentativa de entender a relação da criança contemporânea com a mídia¹⁹.

Neste trabalho, sediado em Londres, há 12 países envolvidos no estudo: Bélgica (Flandres), Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Israel, Itália, Holanda, Espanha, Suécia, Suíça e o Reino Unido. Um estudo modelado neste projeto também foi desenvolvido na Nova Zelândia. Importante para o estudo de Londres é localizar o uso da mídia no contexto da

vida diária. Como o trabalho de Jensen e de Hendershot, este projeto utiliza um “método construtivista, centrado na criança, que discute como as crianças e os jovens – tanto individualmente quanto como um mercado – não apenas respondem, mas influenciam as alterações que ocorrem em seus ambientes imediatos, inclusive em seu ambiente mediado”²⁰.

Um relatório preliminar sobre vários desses estudos (sobre, respectivamente, o uso da mídia pelos jovens na Grã-Bretanha e na Holanda; o uso da antiga e da nova mídia por jovens de Flandres, Alemanha e Suécia; a mídia nacional entre crianças e adolescentes flamengas, francesas, italianas e suecas; casos finlandeses, espanhóis e suíços; e grupos de amigos e o uso da mídia entre crianças e adolescentes na Dinamarca, França e Israel) está disponível em uma edição especial do *European Journal of Communication*²¹.

Outro estudo geral que deve ser mencionado foi realizado na Ilha de Santa Helena, no Atlântico Sul²². Os estudiosos que estavam envolvidos neste projeto foram capazes de coletar informações das crianças da ilha antes da chegada da televisão e novamente após sua chegada, em 1995. Utilizando pesquisas, observações, diários, discussões e entrevistas e comentários dos professores, as pessoas envolvidas no estudo puderam monitorar a introdução da

17. LIVINGSTONE, Sonia. *A comparative ... op. cit.* p. 439.

18. LIVINGSTONE, Sonia. *A comparative ... op. cit.* p. 435-456.

19. LIVINGSTONE, Sonia (ed.). *Young people... op. cit.*

20. LIVINGSTONE, Sonia (ed.). *Young People ... op. cit.*

21. LIVINGSTONE, Sonia (ed.). *Young People... op. cit.* v. 13, n. 4, 1998.

22. CARLTON, M. e LÖHR, Paul. *Children and the media.* (Crianças e a mídia) BROSIUS, Hans-Bernd e HOLZBACHA, Christina (eds.). *German Communication Yearbook.* (Livro do ano da comunicação germânica) Cresskill, NJ: Hampton Press Inc., 1999. p. 211-244.

CHARLTON, T., COLES, Davis e LOVEMOR, Tessa. *Teachers' rating of nursery class children's behaviour before and after availability of television by satellite.* *Psychological Reports.* v. 81, n. 1, 1997. p. 96-98. CHARLTON, T. e O'BEY, Susan. *Links between television and behavior: student's perceptions of TV's impact in St. Helena, South Atlantic.* *Support for Learning.* v. 12, n. 3, 1997. p. 130-136.

tecnologia da televisão em uma das últimas áreas a receber este meio de comunicação.

Futuro do campo

Recentemente, em uma mesa redonda organizada pelo Centro Annenberg de Políticas Públicas da Universidade da Pensilvânia, estudiosos da mídia infantil reuniram-se para discutir o futuro do campo. Eles teceram comentários sobre a magnitude das alterações realizadas na televisão infantil, ocasionadas pelas mudanças na regulamentação (como, por exemplo, a regra, nos Estados Unidos, que exige que as estações locais de televisão programem uma média de três horas semanais de programação específica por idade para crianças)²³. Além disso, esses estudiosos trataram do futuro da pesquisa de televisão e incluíram em suas discussões a preocupação com a influência da televisão em idioma inglês nas culturas locais²⁴.

PESQUISA SOBRE VIOLÊNCIA NA TELEVISÃO

Perguntas sobre a violência têm sido a questão central no debate sobre o relacionamento das crianças com a televisão. Historicamente, nenhuma outra questão gerou

uma quantidade igual de interesse ou pesquisa. Enquanto crianças de países divididos pela guerra confrontarem as imagens do mundo real e as televisadas, crianças nos Estados Unidos levantarem armas contra seus colegas e crianças em todos os lugares encontrarem imagens mediadas de violência, continuará sendo um ponto focal debater crianças e violência na televisão.

No final da década de 1990, pelo menos quatro grandes projetos foram publicados sobre o tópico e, embora haja outros estudos importantes sobre crianças e a violência na televisão, esses quatro podem servir como exemplo do pensamento mais contemporâneo sobre o debate. Gunter e Harrison²⁵ apresentam um estudo completo sobre a condição atual, no Reino Unido, no contexto histórico da pesquisa sobre a violência na televisão. Uma coalizão de quatro universidades dos Estados Unidos publicou uma série de estudos – *Estudo nacional de violência na televisão* – que analisa o conteúdo da programação e os efeitos da mídia em crianças e adolescentes, durante um período de três anos²⁶. Em 1997, a UNESCO financiou um estudo de escopo internacional que pesquisou mais de 5 mil estudantes de 23 países²⁷. E, em 1998, foi publicado o primeiro anuário da Câmara Internacional

23. CAMPBELL, Angela J. *Self-regulation and the media*. (Auto-regulação da mídia) **Federal Communication Law Journal**, v. 51, n. 3 (Maio), 1999, p. 711-772.

24. Annenberg Public Policy Center da Universidade de Pensilvânia. *The 1999...op. cit.*

25. GUNTER, Barrie e HARRISON, Jackie. *Violence on television: an analysis of amount, nature, location and origin of violence on british programmes*. (Violência na televisão: uma análise da quantidade, natureza, veiculação e origem da violência nos programas britânicos) London: Routledge, 1998.

26. NTVS. *National television violence study*. Volume 1. (Estudo nacional sobre violência na televisão) Thousand Oaks, California: Sage Publications, 1997.

NTVS. *National television violence study*. Volume 2. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 1998.

NTVS. *National television violence study: Volume 3*. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 1998.

27. GROEBEL, Jo. *Young people's perception of violence on the screen* (Jovens e a percepção da violência na tela.) - A joint project of UNESCO, the World Organization of the Scout Movement and Utrecht University (Projeto conjunto da Unesco, Organização Mundial do Movimento Escoteiro e a Universidade de Utrecht) - Relatório Resumido Apresentado à Conferência Geral da UNESCO: Paris, 1997.

GROEBEL, Jo. *The UNESCO global study on media violence: a joint project of UNESCO, the World Organization of the Scout Movement e Utrecht University*. Paris: UNESCO, 1998.

sobre crianças e violência na televisão, que examina o estado da pesquisa sobre violência na mídia em todo o mundo e que inclui uma bibliografia seletiva de trabalhos publicados desde 1970²⁸. Outra bibliografia publicada pela Câmara cobriu o período desde 1989²⁹. Nesse mesmo período, houve pedidos para um entendimento da violência na mídia em uma atmosfera de “pânico moral”, à medida que a mídia se tornou um condúite para discussões às vezes emotivas sobre questões sociais complexas³⁰.

O QUE É VIOLÊNCIA?

Gunter e Harrison, embora tenham reconhecido que a interpretação da audiência é importante, ainda assim focaram seus estudos no conteúdo da programação. Eles descreveram a “quantidade, natureza, local e origem” da violência na programação. Como dizem, “foram além dos números e chegaram a classes e atributos”³¹, mas não fizeram conexão com efeitos. A definição funcional de violência deles era: “Qualquer representação clara de uma ameaça crível de força física ou do uso real da força física, com ou sem uma arma, que é pretendida para fazer mal ou intimidar um ser vivo ou um grupo de seres vivos. A violência pode ser realizada ou pode haver uma mera tentativa de realizá-la, e pode ou não causar ferimentos. A violência também inclui qualquer representação das conseqüências ma-

léticas contra um ser vivo (ou grupo de seres vivos) que ocorre como resultado de violência não-vista³².

Eles oferecem uma análise complexa das características do conteúdo, bem como da quantidade e da natureza da violência, da preparação para atos violentos, os motivos e conseqüências, identidade dos agressores e das vítimas, gênero e padrões de programação. Eles descobriram que, na média, 37% dos programas que identificaram não apresentaram violência durante as quatro semanas do estudo; o maior número de atos violentos encontrava-se nos filmes que não eram feitos para a televisão (52%, na média), e o menor número de atos violentos encontrava-se na BBC 1 (27%, na média). A luta livre e outros esportes também apresentavam altas taxas de atos violentos.

De acordo com a pesquisa deles, a maioria dos atos violentos vistos na ficção de TV tinha motivação criminosa ou resultava de uma disputa ou de uma discussão. Violência de motivação sexual era muito rara neste estudo. Agressores e vítimas, muitas vezes, eram homens brancos, embora existisse grande probabilidade de as vítimas também serem crianças e idosos. Explicando que grande parte da pesquisa realizada anteriormente sobre a violência da mídia tendia a misturar o conteúdo e seus efeitos, Gunter e Harrison tentaram estabelecer a base para o entendimento do contexto e da ambientação para a violência na televisão³³.

28. CARLSSON, Ulla e VON FEILITZEN, Cecilia. *Children and media violence*. (Crianças e violência na mídia) (anuário) Göteborg, Suécia: The UNESCO International clearinghouse on children and violence on the screen at Nordicom, 1998, p. 364-383.

29. CRONSTRÖM, Johan. **Bibliography**. *Children and media violence research: a selection (1989-)*. (Bibliografia. Pesquisa crianças e violência na mídia: uma seleção [1989]) 1998.

30. THOMPSON, K. **Moral Panics**. (Pânico moral) London: Routledge, 1998, p. 75.

31. GUNTER, Barrie e HARRISON, Jackie. **Violence on television**: an analysis of amount, nature, location and origin of violence on british programmes. (Violência na televisão: uma análise da quantidade, natureza, veiculação e origem da violência nos programas britânicos) London: Routledge, 1998, p. 280.

32. GUNTER, Barrie e HARRISON, Jackie. **Violence on television...** *op. cit.* p. 52.

33. GUNTER, Barrie e HARRISON, Jackie. **Violence on television...** *op. cit.* p. 280.

ESTUDO NACIONAL DE VIOLÊNCIA NA TV

Enquanto isso, nos Estados Unidos, a National Cable Television Association (NCTA, Associação Nacional da Televisão a Cabo) financiou um projeto de pesquisa de três anos em quatro das grandes Universidades dos Estados Unidos: a Universidade da Califórnia em Santa Bárbara realizou uma análise do conteúdo geral da programação da televisão; a Universidade do Texas, em Austin, foi responsável por uma análise de conteúdo de programas “baseados na realidade”; a Universidade de Wisconsin, em Madison, examinou a eficácia de vários sistemas de classificação; e a Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, avaliou os anúncios antiviolença de Serviço Público. O estudo, chamado de National Television Violence Study (NTVS, ou Estudo Nacional da Violência na Televisão) era um projeto ambicioso que resultou em três volumes de relatórios para os anos de 1994-95, 1995-96 e 1996-97³⁴.

Contexto da violência

Na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, os pesquisadores revisaram a televisão norte-americana quanto a atos de violência de acordo com nove fatores contextuais: natureza do perpetrador e do alvo; motivo para a violência; presença de armas; extensão e característica gráfica da violência; grau de realismo; recompensas ou punições e conseqüências; e se havia humor envolvido na violência³⁵. Como

afirmam Gunter e Harrison, a preocupação deste estudo estava na identificação do contexto da violência na mídia bem como na documentação da quantidade de atos de violência na televisão.

Além disso, atos de violência foram medidos em três níveis – a interação violenta identificada como o nível PAT [perpetrator, act, target] (ou, perpetrador, ato, alvo), o nível da cena e o nível do programa. Durante os três anos analisados, pouca alteração foi vista na quantidade ou no contexto dos atos de violência na televisão dos Estados Unidos. Como ocorreu com o estudo britânico, a programação mais violenta estava nos filmes que não eram originalmente para televisão e os perpetradores e as vítimas eram, de modo geral, homens adultos. Em um dos anos, a maioria dos programas (57%) continha alguma violência, a maioria com poucas conseqüências para o perpetrador. Ela era justificada e mais de 39% dos atos eram apresentados de forma humorística. Quando o estudo foi repetido em 1995/96 e em 1996/97, não havia ocorrido quase nenhuma alteração na proporção de atos violentos na televisão³⁶.

Televisão baseada na realidade

A segunda fase do estudo, realizada na Universidade do Texas, em Austin, concentrou-se na televisão “baseada na realidade” [programas de entrevistas (*talk shows*), documentários, programas policiais, de entretenimento, notícias de entretenimento, notícias de tablóides, notícias e assuntos públicos].

34. NTVS. *National television violence study*: Volume 1. (Estudo nacional sobre violência na televisão) op. cit. NTVS. *National television violence study*: Volume 2. op. cit. NTVS. *National Television Violence Study*: Volume 3. op. cit.

35. NTVS. *National television violence study*: Volume 1. op. cit. p. 21.

36. NTVS. *National television violence study*: Volume 2. op. cit. p. 114.

Como ocorreu com o primeiro projeto, houve pouca mudança no número de atos violentos durante os três anos estudados. Em um ano, descobriu-se que 62% dos programas baseados na realidade não continham violência e 18% deles tinham apenas discussões sobre a violência³⁷. Esses percentuais não mudaram significativamente durante os três anos da análise, contudo, embora tenha ocorrido pouca mudança no nível da violência, ocorreu um aumento no número de tais programas. No primeiro ano havia 393, no segundo ano 494 e no terceiro ano 526 programas identificados como baseados na realidade. Isso representou um aumento geral de 34% no número de programas.

Sistemas de classificação

O terceiro dos quatro estudos da NTVS examinou o sistema de classificação de televisão. Comparou as reações das crianças e dos pais com relação aos diversos sistemas de classificação, incluindo aqueles utilizados pela indústria cinematográfica, por sistemas *premium* de TV a cabo, as classificações canadenses, as de fabricantes de *software*, com advertências aos telespectadores, utilizadas pela indústria da televisão, e o sistema de classificação voluntária, introduzido em 1996. Além da resposta da audiência, os pesquisadores mediram o uso das classificações pela indústria da televisão. No primeiro ano, o estudo examinou as respostas das crianças à programação, com base na classificação "amigáveis à família", designada a audiências apenas de adultos. No geral, os autores descobriam que as "classificações e as advertências podem ter impacto significativo na escolha dos pro-

gramas e dos filmes na televisão"³⁸. Havia alguma indicação da existência de maior probabilidade de que meninos mais velhos selecionassem programas que tivessem advertências aos pais, enquanto as meninas apresentavam probabilidade menor de expressar interesse em tais programas. Embora existissem algumas diferenças entre as crianças no primeiro ano e as crianças no segundo ano da pesquisa, as crianças no segundo ano ainda eram, até certo ponto, influenciados pela classificação do programa. No terceiro ano, foi informada apenas a frequência com a qual os canais usavam o sistema de classificação³⁹.

Serviço público de anúncio antiviolença

Durante os três anos do estudo, a quarta fase do NTVS, realizada por pesquisadores da Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, examinou o sucesso de mensagens antiviolença nos Anúncios de Serviços Públicos (Public Service Announcements, PSAs). Durante o primeiro ano, 200 adolescentes classificaram uma série de tais anúncios em diversas dimensões: interesse, entendimento e lembrança da mensagem; alterações de atitude e de comportamento; aumento nos níveis de ansiedade, depressão e hostilidade em ser vítima; e um aumento na percepção do mundo como um lugar assustador⁴⁰. O segundo ano foi projetado para determinar quem deveria ser a audiência alvo para esses Anúncios de serviços públicos, qual conteúdo estava sendo utilizado para os atuais e que mensagens poderiam ser mais eficazes. O terceiro ano buscou avaliar mensagens baseadas no uso de armas

37. NTVS. *National television violence study*: Volume 2. *op. cit.* p. 287-288.

38. NTVS. *National television violence study*: Volume 1. *op. cit.* p. 407.

39. NTVS. *National television violence study*: Volume 2. *op. cit.* p. 287.

40. NTVS. *National television violence study*: Volume 1. *op. cit.* p. 417.

de fogo e a importância das consequências mostradas na mensagem.

Os pesquisadores descobriram que os Anúncios de serviços públicos utilizados no primeiro ano, muitas vezes, não tinham credibilidade entre os estudantes e, conseqüentemente, raramente influenciavam suas atitudes ou comportamentos. No segundo ano foi determinado que os Anúncios deveriam ser elaborados com mais cuidado para alcançar vários segmentos do mercado jovem, com base em sua exposição anterior à violência e que tais mensagens deveriam concentrar-se nas "crenças, atitudes e comportamentos que redundam em comportamento violento"⁴¹. No terceiro ano, eles avaliaram o sucesso dos Anúncios de serviços públicos com base nas consequências da violência apresentada nas mensagens – paralisia e morte ou nenhuma consequência. Parece que morte como consequência era mais eficaz do que a paralisia.

Esta breve discussão pouco demonstra o alcance desses quatro projetos, mas serve para apresentar ao leitor os estudos da NTVS e o modelo dominante de pesquisa nos Estados Unidos. Tanto nos EUA quanto na Grã-Bretanha, há uma tentativa de entender não apenas o número de atos violentos, mas também o contexto e a natureza deles. Além disso, à medida que haja experimentos com sistemas de produção de mensagens pró-sociais, os pesquisadores dos EUA sairão estimulados a verificar o valor deles.

ESTUDO UNESCO-ESCOTEIROS-UTRECHT

Um terceiro projeto recebeu o apoio da UNESCO e os questionários foram

distribuídos e aplicados pela Organização Mundial do Movimento Escoteiro⁴². Mais de 5 mil respostas de pesquisas de crianças de 12 anos de idade foram coletadas, em 23 países diferentes: Angola, Argentina, Armênia, Brasil, Canadá, Costa Rica, Croácia, Egito, Fiji, Alemanha, Índia, Japão, Maurício, Holanda, Peru, Filipinas, Catar, África do Sul, Espanha, Tadjiquistão, Togo, Trinidad & Tobago e Ucrânia. Essas crianças viviam em ambientes definidos como de baixa e de alta agressão, ambos rurais e urbanos. Das crianças pesquisadas, 93% tinham acesso à televisão com tempos médios diários de audiência de três horas, o que demonstra a ubiquidade da televisão. Heróis de ação como o *Exterminador*, de Arnold Schwarzenegger, foram reconhecidos por 88% das crianças e mais de 40% delas identificaram uma figura da cultura popular como seu herói, com 26% delas sendo heróis de ação e cerca de 18% *pop stars*. Não foi surpreendente observar que as crianças de ambientes altamente agressivos muitas vezes afirmam que gostariam de ser como o *Exterminador*.

A câmara da UNESCO

Para coordenar a gama de pesquisas feitas sobre crianças e a violência, em 1997 a UNESCO estabeleceu a Câmara sobre crianças e a violência em Nordicom, na Universidade de Göteborg, Suécia. Em seus boletins informativos e nos anuários, a Câmara forneceu um fórum para o trabalho atual no campo. Por exemplo, o Anuário de 1998 oferece uma visão geral da pesquisa sobre a violência na mídia nos Estados Unidos (confiando pesadamente nas NTVS des-

41. NTVS. *National television violences study: Volume 2. op. cit.* p. 401.

42. GROEBEL, Jo. *Young people's perception... op. cit.*

GROEBEL, Jo. *The UNESCO ... op. cit.*

critas acima), no Japão, Austrália e Nova Zelândia, Israel e na Argentina. A bibliografia apresenta mais de 500 citações⁴³. Boletins recentes documentaram a pesquisa sobre violência na mídia na Noruega, Dinamarca, Suécia e na África do Sul.

PÂNICO MORAL

Contudo, por mais importantes que esses projetos possam ser, há outro corpo crescente e convincente de pesquisa sobre a violência da mídia. Este novo corpo de pesquisas coloca o trabalho no contexto do pânico moral⁴⁴. Essa posição não busca negar que a televisão e outras formas de mídia apresentam um mundo de violência, mas esses escritos sobre pânico moral pedem que coloquemos o debate sobre a vio-

lência da mídia e a conceitualização de infância dentro de um contexto histórico e político que também deve ser considerado. Por exemplo, nos Estados Unidos, muitos culpavam unicamente a mídia pelos recentes tiroteios ocorridos em escolas, ignorando outras questões de raça [atenção à questão que os estudantes eram brancos], classe social [ambientes suburbanos de classe média], sexo [vários dos tiroteios foram direcionados a moças] e ambiente social [uma cultura de armas de fogo].

Esses estudos nos oferecem maneiras diferentes de examinar questões críticas de violência na mídia: uma que amplia questões tradicionais das Ciências Sociais e outra que oferece uma interrogação ainda mais crítica, pedindo que analisemos as questões de maneiras novas.

Resumo: Os autores realizam um balanço sobre as tendências da pesquisa sobre televisão e crianças, com bases principalmente em bibliografia de língua inglesa. O levantamento aponta que, embora haja a preocupação com outras abordagens, a linha tradicional dos efeitos da mídia continua marcando a maior parte das pesquisas, tendo como preocupação central as pesquisas sobre violência na televisão. O artigo cita um tópico de pesquisa que também começa a aparecer, que é o da indústria da programação televisiva infantil. O balanço sobre as pesquisas em torno da violência dos programas televisivos teve alcance internacional, envolvendo, através da Unesco, inúmeros países.

(Status of the research on children and television)

Abstract: The authors analyze research tendencies regarding television and children, mainly based on the bibliography available in English. The survey indicates that although there is a concern with other approaches, the traditional line of media effects continues marking most of the research that is being carried out on violence and television. The article mentions a research topic that is also surfacing: the child television programming industry. The research on the violence portrayed by television programs had international reach and involved, via Unesco, several countries.

Palavras-chave: televisão, criança, violência na TV, estudo dos efeitos, programação infantil

Key words: television, child, violence on TV, effect study, child programming

43. CARLSSON, Ulla e VON FEILITZEN, Cecilia. *Children and media violence*. ... *op. cit.*

44. BARKER, M., e PETLEY, J. (eds.) *III Effects: The media violence debate*. (Efeitos negativos: a violência da mídia em debate) London: Routledge, 1997.

BUCKINGHAM, David. *Doing them harm? Children's conceptions of the negative effects of television*. (Faz mal a eles? A concepção das crianças dos efeitos negativos da televisão) SWAN, Karen, MESKILL, Carla e DEMAIO, Steven (eds.) *Social learning from broadcast television*. (Aprendizado social pela televisão) Cresskill, JH: Hampton Press.

SPRINHALL, John. *Youth, popular culture and moral panics*. (Jovens, cultura popular e pânico moral) New York: St. Martin's Press, 1997.

THOMPSON, K. *Moral panics*. (Pânico moral) London: Routledge, 1998.